

AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS CAUSADOS NA TRANSIÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL – 1º e 2º ANOS¹

Hozana Azevedo Rocha

RESUMO

O artigo em tela tem como objetivo entender como ocorre o processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental, identificar os principais impactos dessa transição na vida das crianças focando as séries iniciais entre os 1º e 2º anos. A pesquisa é de natureza qualitativa e foi realizada numa escola privada no município de Serra Neste sentido busquei ouvir os profissionais da área da educação da escola regular, do espaço de aulas de reforço e da área da Psicologia sempre associando-os dentro do que nos orienta Arroyo (1999). Busquei ouvir os sujeitos desta pesquisa, interpretando-as através de suas narrativas e comportamentos ocorridos nas observações realizadas dentro das salas de aulas e ouvir também os pais em suas perspectivas diante do que vivenciam e/ou vivenciaram. Dentre os resultados da pesquisa destaco que apesar dos avanços ocorridos na educação os impactos na transição persistem pois as crianças continuam invisíveis diante do modelo de aluno que se deseja e que mais pesquisas a acerca do tema precisam ser realizadas pois este desafio está longe de terminar.

Palavras-chave: Ensino, Séries Iniciais, Ensino Fundamental Transição

ABSTRACT

The article on the screen aims to understand how the transition process of children of early childhood education for elementary school occurs and identify the main impacts of this transition in the lives of children by focusing on the initial series between the first and second years. The research is qualitative in nature and was held in a private school in the municipality of Serra. In this sense I listened to the professionals in the field of education in public school, tutoring lessons, and the area of Psychology; always associating them within what guides us Arroyo (1999). I sought to hear the subjects of this research, interpreting them through their narratives and behaviors which occurred in observations in the classroom and I also listened to parents on their perspectives on what they experience and/or have experienced. The survey results highlighted that despite advances in education, impacts on transition persisted because the children remained invisible on the student model that is desired and that more research on the subject needs to be performed because this challenge is far from over.

Keywords: education, Initial series, Elementary Transition Series

1 INTRODUÇÃO

Durante todo o meu curso de pedagogia, esta temática esteve presente na maioria das disciplinas impactando as discussões em sala. A partir do que traziam os principais teóricos, dos relatos de experiências de colegas de sala em estágios obrigatórios ou remunerados e a vivência enquanto mãe.

De um lado a teoria trazendo a importância da dosagem entre a prática pedagógica/aprendizado e do outro, a necessidade em receber crianças já alfabetizadas, como requisito facilitador para o ingresso na etapa seguinte à educação infantil, porém pude observar que durante estas discussões o sujeito permanecia invisível, no caso, o aluno e que este tema estava longe de ser esgotado.

Esta inquietude ratifica o que diz Motta (2010) em seu estudo de doutorado, quando afirma dentre outros aspectos, que alunos não deixam de ser crianças e que mais pesquisas precisam ser realizadas sobre as culturas infantis dentro da escolarização formal.

Sob essa ideia, busquei fundamentar o presente artigo dialogando com teóricos voltados ao tema que diante das afirmativas que as pesquisas apontaram surgiu a necessidade em investigar a seguinte questão: **Quais os impactos presentes na transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental?**

Como objetivo geral busquei entender como ocorre o processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental e identificar os principais impactos dessa transição e como objetivos específicos busquei:

- Identificar os impactos psicossociais causados às crianças que saem da Educação Infantil e ingressam no ensino fundamental.
- Conhecer as práticas organizativas-pedagógicas desenvolvidas nas EEF para a acolhida às crianças vindas da E.I.
- Conhecer como são trabalhadas e consideradas as culturas infantis / escolares.

- Refletir sobre a avaliação praticada no contexto das EEF

2 DIALOGANDO COM TEÓRICOS: UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA

Muitas são as contribuições acerca deste tema e, para a realização deste artigo busquei contribuições de três pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, que abordam questões relacionadas com o processo de transição da criança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Motta (2010) em sua tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro trouxe a seguinte problemática: Aborda as transições e as rupturas entre a educação infantil e o ensino fundamental, com os objetivos de investigar a passagem das crianças da educação infantil para o ensino fundamental e a ação da cultura escolar sobre as culturas infantis transformando os agentes sociais de crianças em alunos.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal de Três Rios, no Rio de Janeiro, durante três anos letivos entre 2007 à 2009, onde foram observadas crianças do 3º período da educação infantil até o 2º ano do ensino fundamental.

Os principais teóricos trabalhados pela autora foram: Bakhtin(2002;2000; 1998;1997); Vigotski (2001; 2000; 1998; 1997); Foucault (1992; 1988; 1977); Certeau (1994) e Sacristán (2000,2005). Dentre os resultados apontados podemos destacar que, as crianças não deixam de ser crianças por se tornarem alunos, que independente de faixa etária e contexto, elas pertencem a um grupo geracional com características e culturas próprias, que merecem ser respeitadas e estudadas.

Seu posicionamento se justifica quando, dentre outras observações, registra-se um momento em sala de aulas onde destaca – se dois comportamentos diferentes vivenciados por alunos do 1º ano do ensino fundamental, um grupo de crianças dominavam as regras características de sujeito social enquanto alunos e o outro que foram adquirindo esse repertório progressivamente ressaltando que essa progressão não se deu sem resistência e reações. Porém

deixa clara a necessidade de que sejam realizadas mais pesquisas sobre as culturas infantis dentro da escolarização formal.

Nesse mesmo sentido, trazemos a segunda pesquisa; a de Nogueira(2011), em nível de doutorado e apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas/RS. O estudo tem como questão norteadora a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos e o ingresso obrigatório das crianças aos seis anos de idade e questiona se essas ampliações possibilitaram maior articulação entre a educação Infantil e o Ensino Fundamental, uma vez que ambas as etapas de ensino deveriam ser reestruturadas.

A pesquisa foi realizada em uma escola Municipal de Pelotas/RS, sendo observados alunos da pré – escola entre os anos de 2009 e no 1º ano em 2010. Foram entrevistados gestores da Secretaria Municipal e gestores escolares, além de professores e alunos. Foram utilizados também Diário de bordo e filmagens.

Os principais teóricos utilizados pela autora foram Soares (2004; 2006); Manrique (2007); Street (2003; 2010); Castanheira(2004); Brougère (2008; 2010), Corsaro (2007; 2011) e Sarmiento (2006).

Como resultados desta pesquisa destacamos, que a ruptura entre as duas primeiras etapas da educação básica se mantém se forma acentuada, em se tratando de letramento, alfabetização, cultura lúdica e infância destaca-se a falta de uma política local mais sistemática que efetive as políticas mais amplas, compreendendo que são concepções que perpassam o cotidiano da pré – escola e do 1º ano e que as práticas pedagógicas precisam construir referências para que a escola seja um espaço acolhedor dos interesses e das motivações dessas crianças, o que não foi detectado na totalidade da pesquisa, principalmente quando ingressam no Ensino Fundamental, prevalecendo uma perspectiva de alfabetização mecânica que, ao invés de contagiar as crianças como o prazer de ler e escrever, afastando as com atividades maçantes e enfadonhas.

A autora traz, também, em sua afirmativa, a importância das práticas do professor no que se refere ao relacionar-se com as crianças no ouvir, ver mais e melhor o que fazem, gostam e sabem.

A terceira pesquisa, de Amaral (2008), em nível de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná, objetivou compreender, a partir das perspectivas das crianças, o que é ser criança e viver a infância na escola, assim como verificar quais estratégias que as crianças constroem entre elas e com os adultos para a apropriação dos processos educativos na transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental de nove anos.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal CEI Galha Azul 3, na cidade de Curitiba/PR e desenvolvida entre os meses de agosto a dezembro de 2007 em uma turma de período integral na última etapa da educação infantil.

Os principais teóricos norteadores foram: Corsaro (2005); Pinto e Sarmiento (1997); Kramer (2002; 2003; 2005); Rocha (2004); Goulart (2007).

Dentre os resultados apontados pela pesquisa, destacamos que o ensino fundamental tem exigências em demasia, as tarefas são muitas e na educação infantil “tinha hora para tudo, para brincar e descansar”.

A partir das três pesquisas apresentadas, observo que nesse processo de transição da criança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental existe unanimidade entre os autores em destacar a importância de se respeitar o aluno em sua singularidade, e suas etapas, que é necessário focar no aprendizado deste aluno, mas sem atropelá-lo enquanto criança.

Pude observar também que o espaço escolar no que tange às práticas pedagógicas precisa ser revisto, pois o que deveria ser prazeroso, estimulante tem se tornado algo cansativo e tedioso, transformando o espaço que antes era de expectativa em um espaço fadado ao desencanto, ficando nítido o distanciamento entre aluno / criança.

Concordo com Arroyo (1999) quando diz que,

Não vemos nem conseguimos ver a infância, mas o adulto que nela sonhamos. A pedagogia tem sido cúmplice, ao longo de décadas, do olhar desfigurado que ainda temos da infância. Insisto num ponto

marcante nesta pesquisa: a pedagogia termina por não dialogar com a infância e conseqüentemente por não entendê-la e por não ter cooperado o necessário com sua compreensão. Voltamos à constatação que fazíamos antes: a infância está ausente dos currículos de pedagogia, de formação de educadores, das teorias, da pesquisa educacional, porque não é um tempo humano que interessa em si. É um ausente". (ARROYO, 1999, p.15).

3 QUEM ESTÁ DISPOSTO A OUVIR A CRIANÇA?

Conforme determina o Estatuto da Criança e Adolescente (1990), a criança tem o direito de ser criança, de ser respeitada, de ter o direito a brincar, de afeto, de querer não querer, de sonhar e conhecer, garantindo o desenvolvimento mental, moral, espiritual, social com dignidade e liberdade.

Neste sentido, autores como (CORSARO, 2005; PINTO e SARMENTO, 1997) nos chamam à atenção para a importância de ouvir a criança, formando-a como sujeito ativo, portanto atuante, merecedor de ter vez e voz. Pinto (1997) destaca que,

[...] as crianças têm algum grau de consciência dos seus sentimentos, idéias, desejos e expectativas, que são capazes de expressá-los e que efetivamente os expressam desde que haja quem os queira escutar e ter em conta. (...) há realidades sociais que só a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos podem ser descobertas, apreendidas e analisadas (PINTO, 1997, p.5).

Durante o curso tivemos a oportunidade de dialogar e internalizar o que nos diz alguns autores quanto às fases da infância e de como se dá o desenvolvimento destes sujeitos, mas para efetivarmos é necessário darmos voz, o que significa tirá-las do silêncio, na teoria das salas de aulas dos diversos cursos e especificamente no de pedagogia é algo relativamente fácil, porém na prática, a situação se complica, e fica um questionamento, quem se propõe? Desse modo, Rocha (2004), busca entender o que é ser criança e viver a infância na escola. Para a autora:

Dar voz às crianças tirá-las do silêncio, pesquisar a partir do ponto de vista delas, "com olhos de criança", tem sido o objetivo de uma nova frente de pesquisas que vêm utilizando as entrevistas com as crianças e o uso das fotografias e o vídeo (procedimentos até então não utilizados nas pesquisas da área da Educação Infantil), para

conhecer as formas de ser criança no interior das instituições educativas (ROCHA, 2004, p.252)

3.1 ASPECTOS LEGAIS

No que tange a legislação quanto a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental a lei é clara quando fala sobre a articulação entre as duas etapas, trazendo no Plano Nacional de Educação (PNE 2014) na meta nº 1.13 a necessidade de qualidade no ensino e a articulação com o ensino fundamental, preservar as especificidades da educação infantil na organização das redes escolares , garantindo o atendimento da criança de 0 (zero) a 5

(cinco) anos em estabelecimentos que atendam a parâmetros nacionais de qualidade, e a articulação com a etapa escolar seguinte , visando ao ingresso do aluno de 6 anos de idade no ensino fundamental.

No PNE (2014) em sua meta 5 traz em seu texto que a criança deverá ser alfabetizada até o final do 3º ano do ensino fundamental, assim sendo, a possível cobrança por parte de alguns professores em receber o aluno já alfabetizado e familiarizado com o novo ambiente poderá ser um dos aspectos que contribuem esta possível ruptura entre ambas as fases escolar.

Em fevereiro de 2006 com a alteração da Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional (LDB) o ingresso para o ensino fundamental passou de sete anos para seis anos de idade, mas a importância de se respeitar às especificidades da infância, o direito da criança a viver essa infância e o direito à educação infantil, se mantém, bem como seu posicionamento contrário a retenção das crianças até que se alfabetizam , impedindo assim seu ingresso ao ensino fundamental.

3.2 ASPECTOS PEDAGÓGICOS: O QUE CONSIDERAR NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

São muitos os aspectos para serem observados nesta fase de transição e já destacamos alguns como, por exemplo, o respeito à singularidade, saber ouvir o que estas crianças dizem e elas dizem muito, através de suas múltiplas

linguagens de comunicação e a articulação entre os dois níveis de ensino, sendo este último talvez o mais difícil a ser alcançado.

Outro aspecto a ser considerado faz referência ao planejamento, de como é organizado o trabalho desenvolvido pelos responsáveis pela instituição sob todos os ângulos, para receber e manter aceso o interesse por parte do aluno em frequentar as aulas com alegria trazendo-o para junto fazendo-o se sentir parte integrante/importante, portanto indispensável para todo o processo.

Destaque quanto à responsabilidade de se garantir que a aprendizagem ocorra de maneira tranqüila, eficaz, contínua e crescente, que, ao chegar nesta nova fase do ensino fundamental, requer deste aluno a realização de tarefas mais complexas o que ocasiona muitas vezes em práticas menos prazerosas solicitadas pelo professor, (vista sob a ótica do aluno) mas sendo possível alcançar os objetivos propostos desde que seja agregado o bom senso e o uso da criatividade.

Para Goulart(2007),

As crianças precisam de tempo para brincar entre elas, definindo tipos de brincadeiras, papéis, tempos, normas. A escola das crianças de 6 a 10 anos, principalmente, não pode negligenciar esse ponto. As atividades livres são tão importantes quanto às dirigidas, não só para brincar, mas para a escolha de um livro, escolha de um colega de trabalho ou brincadeira, definição da organização de uma atividade, das cores para usar num desenho, entre muitas outras possibilidades. Essas decisões têm relevância para a construção da segurança interna, autonomia e responsabilidade da criança (GOULART, 2007, p.81).

Outro aspecto a ser considerado faz referência a cultura infantil que independente do contexto em que a criança esteja inserida sempre estará presente e de forma muitas vezes determinante na vida escolar, presente em suas opiniões mesmo que estas muitas vezes não estejam contempladas em suas escolhas

Devemos ser cautelosos, pois através das culturas destas crianças outras culturas são criadas, transformadas, elas mesmas criam e recriam, mas que devido ao modelo do adulto/cidadão/crítico idealizado pela sociedade nós acabamos por projetar nestas crianças o mesmo modelo que nos fora

projetado enquanto alunos que fomos e acredito que este não seja o futuro que desejamos para estes que poderão vir a ser profissionais da educação.

Por fim, trago as contribuições contidas em, Ensino Fundamental de nove anos: Passo a passo do Processo de Implantação (BRASIL,2009), este documento do MEC que trata dentre outros aspectos a importância de se preservar as características da etapa de desenvolvimento, uma vez que os alunos de 6 anos ainda estão em um momento da vida em que o brincar é parte inerente de seu desenvolvimento e, portanto, é preciso uma readequação da escola para acolher essas crianças no ensino fundamental.

Essa adequação se faz em diferentes aspectos: gestão, materiais, projeto pedagógico, tempo e espaço, formação continuada de professores, avaliação, currículo, conteúdos, metodologias. Além dos próprios conceitos de infância e adolescência.

Quanto ao livro didático ressalta-se a importância de um redimensionamento e reflexão sobre as condições de uso e destaca que a alfabetização e o letramento não podem ser tratados como processos que se concluem ao final do ano letivo, mas como etapas da aquisição e estruturação do código escrito, portanto, devem ser mais enfatizadas nesses dois primeiros anos e, ao mesmo tempo, devem ser flexíveis o bastante para propiciar a evolução dos alunos dentro de seus próprios ritmos.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é de natureza qualitativa. Esse tipo de pesquisa, por sua abordagem e pelas possibilidades inerentes a esse tipo de pesquisa nos permitiu observar, inferir e estabelecer diálogos com autores que destacam sobre a importância de se ouvir a criança, formando-a como sujeito ativo, portanto atuante, merecedor de ter vez e voz.

Assim, na perspectiva de pesquisar o cenário atual da transição entre a educação infantil e os dois primeiros anos do ensino fundamental, procurei

investigar se as rupturas entre ambas persistem, quais as causas e os impactos na vida estudantil destes sujeitos.

A pesquisa foi realizada em uma escola privada no município de Serra, com alunos, pedagogos, professoras do Nível 3 da educação infantil e 1º e 2º anos do ensino fundamental do horários da manhã na escola.

Pesquisei, também, um espaço destinado a aulas de reforço escolar, oferecido por uma professora graduada em matemática, em sua residência, que acontecem em sua residência, fora do espaço da escola e procurei ouvir também uma psicóloga que atua na área atendendo às crianças que são encaminhadas pela escola, com a finalidade de acompanhamento psicológico como ferramenta facilitadora no desenvolvimento escolar.

Como instrumentos de coleta de dados utilizei, diário de bordo, questionários e entrevistas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados e discussões que aqui apresento resultam das observações, registros nos diários de bordo e nos conteúdos das entrevistas e questionários respondidos pelos participantes da pesquisa da escola e das duas participantes da pesquisa, quais sejam, a psicóloga e a profissional que oferece aulas de reforço escolar.

Para tanto, busquei organizar esses dados em quatro categorias, sendo estas relacionadas com os objetivos e problema enunciados inicialmente neste texto

a) Sobre os impactos presentes na transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental

A pesquisa realizada apontou que os impactos na transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental ainda persistem, a escola relata que este impacto aparece no fundamental I mas relata também que os alunos da educação infantil estão aptos e ansiosos para ingressarem no ensino fundamental, confirmando-se o que diz Goulart (2007),

As crianças precisam de tempo para brincar entre elas, definindo tipos de brincadeiras, papéis, tempos, normas. A escola das crianças de 6 a 10 anos, principalmente, não pode negligenciar esse ponto. As atividades livres são tão importantes quanto às dirigidas, não só para brincar, mas para a escolha de um livro, escolha de um colega de trabalho ou brincadeira, definição da organização de uma atividade, das cores para usar num desenho, entre muitas outras possibilidades. Essas decisões têm relevância para a construção da segurança interna, autonomia e responsabilidade da criança (GOULART, 2007, p.81).

Nas observações que realizei nas salas de aulas, pude perceber que na educação infantil já existe um pré julgamento quanto ao desenvolvimento dos alunos que já estão rotulados de preguiçosos, que diante uma sala com 15 alunos e apenas 03 se destacando segundo a ótica da assistente de sala.

Destaco a posição da mesa e cadeira do professor que fica no final da sala, ou seja os alunos precisam se virar para poder prestar a atenção na aula, pois a professora não se posiciona adequadamente, mesmo sendo uma contação de histórias.

Nas observações realizadas nas salas de aulas dos 1º e 2º anos, verifiquei que as crianças em sua maioria acompanhavam a professora nas atividades corrigidas no quadro mas quando perguntado individualmente muitas não sabiam a resposta e a professora cobrava publicamente afirmando que já havia explicado a atividade em aulas passadas além de não terem ainda a noção de que devem permanecer sentados durante todo o tempo de aulas, pois a todo momento andavam pela sala, conversavam , mesmo sendo chamados a atenção pela professora regente.

Para a professora de aulas de Reforço Escolar, esses impactos ocorrem muitas vezes pelo fato de que as escolas ficam preocupadas com o conteúdo e não levam em conta que para a criança progredir ela precisa ter o conhecimento básico adquirido e acabam por ficarem deslocadas. A professora é graduada

em matemática que atua há 9 anos, atualmente como professora de reforço há 5 anos devido a aposentadoria por invalidez e na ocasião o Estado não dispunha de espaço físico para que continuasse atuando em sala de aulas. Ela atende os alunos por indicação ora por escolas ora pelos pais.

Segundo a Psicóloga os alunos encaminhados, na maioria das vezes não precisam de acompanhamento psicológico. A profissional tem especialização em Saúde Coletiva, atua na área há 14 anos e atende aos alunos encaminhados pela escola por questões comportamentais e ou TDAH (Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade). Em sua opinião,

Ocorreram avanços na educação e vejo grande empenho dos professores aos alunos que recebo no consultório mas algumas escolas ainda tem dificuldades de lidarem com as crianças que estão fora do modelo mesa/cadeira . O papel dos professores é primordial, algumas crianças passam por medos principalmente diante do novo e das adaptações, esta transição pode acarretar algumas mudanças de comportamentos."

Corroborando essa ideia, Arroyo (1999):

Não vemos nem conseguimos ver a infância, mas o adulto que nela sonhamos. A pedagogia tem sido cúmplice, ao longo de décadas, do olhar desfigurado que ainda temos da infância. Insisto num ponto marcante nesta pesquisa: a pedagogia termina por não dialogar com a infância e conseqüentemente por não entendê-la e por não ter cooperado o necessário com sua compreensão. Voltamos à constatação que fazíamos antes: a infância está ausente dos currículos de pedagogia, de formação de educadores, das teorias, da pesquisa educacional, porque não é um tempo humano que interessa em si. É um ausente". (ARROYO,1999,p.15).

Finalizo as discussões dessa categoria de análise refletindo que existe um paradoxo educacional e que precisa se buscar a sensatez, pois ao mesmo

tempo em que a escola apresenta seus alunos da educação infantil como , aptos e ansiosos para ingressarem no ensino fundamental, temos a mesma escola relatando que existe sim este impacto.

Existe uma rotulação para cada grupo que se divide entre os espertos e os preguiçosos, acredito que este impacto não se resolva, ou seja amenizado

Apenas levando alunos da última etapa da educação infantil para uma visitação nas salas do ensino fundamental que ocorre no final do ano letivo, pois eles observam e percebem tudo o que acontece ao seu redor desde o primeiro dia de aula.

Ao ouvir relatos de pais acerca do tema abordado é perceptível de como eles ficam meio perdidos e entram em conflito com eles próprios não sabendo como resolver a situação.

b) Sobre as práticas organizativas-pedagógicas das escolas que recebem as crianças da E.I.

Quanto às práticas organizativas-pedagógicas, a escola relata que acolhem os alunos, orientam os pais e alunos sobre o funcionamento da escola, apresentando todos os espaços da escola.

Como cada aluno possui características próprias e, neste sentido a escola conversa com os pais procurando conhecer cada aluno em sua especificidade, este relacionamento vai se estreitando para que o aluno tenha um bom desempenho escolar.

Diante das observações que fiz nas salas de aula, dos registros dos relatos da professora das aulas de reforço escolar e dos relatos da psicóloga, acredito que este procedimento realmente ocorra, porém durante o decorrer do ano talvez falte a continuidade no sentido de visualizar o aluno enquanto criança.

Neste sentido devemos dar voz às crianças e para isso é necessário que olhemos e pesquisemos o que é ser criança e viver a infância na escola. Rocha (2004) ressalta que,

Dar voz às crianças tirá-las do silêncio, pesquisar a partir do ponto de vista delas, “com olhos de criança”, tem sido o objetivo de uma nova frente de pesquisas que vêm utilizando as entrevistas com as crianças e o uso das fotografias e o vídeo (procedimentos até então não utilizados nas pesquisas da área da Educação Infantil), para conhecer as formas de ser criança no interior das instituições educativas (ROCHA, 2004, p.252)

Finalizo este tópico trazendo à memória a leitura e discussão em sala quando estávamos no 4ª período do livro de Janusz Korczak, Quando eu voltar a ser criança, um livro que na minha opinião deveria ser livro de cabeceira para todos nós e que traduz exatamente o que é ser criança e aluno, pois o aluno não deixa de ser criança ele agrega o aluno em seu cotidiano.

c) Quanto ao trabalho pedagógico com as culturas infantis escolares

Quanto a este tópico a escola relatou que ouve a história que cada aluno traz consigo e aproveita-as dentro do espaço escolar trazendo para os projetos realizados no decorrer do ano letivo.

Diante das observações realizadas nas salas de aulas, não percebi nada que contradissesse, pelo contrário, observei que as crianças respondiam bem às diversas culturas ali presentes.

Pude perceber que existem divergências entre eles, que discutem, brigam mas os professores fazem a interferência e a situação é resolvida na própria sala.

Confirmando o que diz Pinto (1997)

[...] as crianças têm algum grau de consciência dos seus sentimentos, idéias, desejos e expectativas, que são capazes de expressá-los e

que efetivamente os expressam desde que haja quem os queira escutar e ter em conta. (...) há realidades sociais que só a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos podem ser descobertas, apreendidas e analisadas (PINTO, 1997, p.5).

A psicóloga também traz em seu relato a importância desta observação;

A relação escola/pais/aluno/criança é uma relação em que em primeiro lugar deve-se focar o bem da criança e o bom andamento das relações sociais. Que os pais estejam sempre atentos ao comportamento dos filhos, as dificuldades, que pratiquem uma escuta ativa com seus filhos e principalmente que determinem uma rotina para as crianças.

Neste sentido a reflexão se faz a partir da forma de como a comunicação acontece entre a criança e o mundo social ao qual ela está e como está inserida, ela se expressa claramente, expõe sua opinião sobre tudo o que está visível de várias maneiras.

É necessário iniciarmos a prática do diálogo, do ouvir e depois responder, estamos acostumados apenas a falar , ou seja ditar, dificilmente dialogar pelo fato de ser mais difícil, é uma arte para poucos.

d) Quanto à avaliação praticada na escola de ensino fundamental

A escola relata que a avaliação é feita diariamente através de atividades e brincadeiras e quando o aluno não alcança o objetivo proposto a escola aplica atividades diferenciadas e orienta o reforço escolar.

Para a professora de reforço escolar o que prejudica a avaliação em sala de aula é o fato dos professores não conseguirem detectar problemas pontuais o que faz com que a situação se agrave, ressalta também a falta de disciplina de alguns pais que somente procuram ajuda quando seus filhos já estão na iminência de reprovação.

Ressalta que muitos pais por não terem conhecimento não conseguem ajudar os filhos nas atividades escolares e neste sentido as aulas de reforço são primordiais pois o atendimento é individualizado.

Para a psicóloga a avaliação na escola deve ser de maneira que desenvolvam um olhar para cada um, que não façam comparações e que principalmente estejam atentos aos pequenos sinais que eles demonstram, como suas dificuldades e seus medos por exemplo.

Neste sentido, diante das observações que realizei nas salas de aulas percebi que as avaliações não acontecem apenas como a escola relata, mas a avaliação também é feita rotulando um ou outro aluno e ao perceberem a diferença de como são tratados se recuam e se fecham.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo entender como ocorre o processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental e identificar os principais impactos dessa transição, considerando o que as pesquisas anteriores apontaram.

Durante o processo de pesquisa foi possível observar que a problematização do tema continua relevante pois mesmo com os avanços na educação, os desafios persistem.

Ressalto alguns pontos que acredito serem relevantes, a escola relata que os alunos estão aptos a ingressarem no ensino fundamental e que tem conhecimento que ocorrem impactos na transição entre a educação infantil para o ensino fundamental e que estes impactos são perceptíveis.

Que trabalham na conscientização dos alunos que ingressarão da educação infantil para o ensino fundamental fazendo uma visita nas salas de aulas do 1º ano que ocorre no fim do ano.

A importância das aulas de reforço escolar e o acompanhamento psicológico também são ferramentas utilizadas pela escola com a finalidade de ajudar os alunos.

Ressalto que a psicóloga também já atuou na educação como professora e alerta para o fato de que muitas vezes o aluno não tem a necessidade de ter acompanhamento psicológico bem como a responsabilidade dos pais em praticar uma escuta ativa na vida dos filhos e que a relação escola/ aluno/ pais/criança deva ser com foco no bem da criança.

Que eles sabem exatamente o que estão fazendo ali e respondem de maneira satisfatória as atividades propostas por ela.

A professora de aulas de reforço escolar, paraplégica, destaca a importância da escola não ficar focada apenas no conteúdo mas no aprendizado de cada aluno, pois este repercutirá na vida do aluno no futuro impactando assim nos anos seguintes.

Destaca também a responsabilidade dos pais para com a vida escolar dos filhos, mas destaca também que muitos por não ter o conhecimento pedagógico muitas vezes não conseguem ajudar os filhos em suas atividades escolares e que mantém um diálogo transparente com seus alunos mas respeitando o tempo deles.

Termino a pesquisa com a clareza de que muito mais pesquisas precisam ser realizadas, que me chama a atenção o fato de mesmo com os avanços ocorridos dentro da educação estes impactos estão presentes e as vertentes que esta pesquisa me levou, tanto para as aulas de reforço escolar quanto para o acompanhamento psicológico me impulsionam a continuar a pesquisar futuramente a problemática: **Quem está disposto a ouvir as crianças?**

REFERÊNCIAS

AMARAL, Alessandra. **O que é ser criança e viver a infância na escola: A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental de nove anos**. Universidade Federal do Paraná, 2008.

ARROYO, M. In: VEIGA, C. G.; FARIA L. M. de. **Infância no sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Alteração da Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional. Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Lei nº 13.005/2014, de 24 de junho de 2014.

CORSARO, W.A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio-ago. 2005b.

MOTTA, Flávia. **De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 157-173, jan./abr. 2011.

NOGUEIRA, Gabriela. **A passagem da educação infantil para o 1º ano no contexto do Ensino Fundamental de nove anos: um estudo sobre a alfabetização, letramento e cultura lúdica**. Universidade Federal de Pelotas, RS, 2011

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: PINTO, M. & SARMENTO, M.J. (coords). **As Crianças: Contextos e Identidades**. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 33-73.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Criança e educação: Caminho da pesquisa. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (orgs). **Criança e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Portugal: Asa editores, 2004.p. 245-255.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ABSTRACT

The article on the screen aims to understand how the transition process of children of early childhood education for elementary school occurs and identify the main impacts of this transition in the lives of children by focusing on the initial series between the first and second years. The research is qualitative in nature and was held in a private school in the municipality of Serra. In this sense I listened to the professionals in the field of education in public school, tutoring lessons, and the area of Psychology; always associating them within what guides us Arroyo (1999). I sought to hear the subjects of this research, interpreting them through their narratives and behaviors which occurred in observations in the classroom and I also listened to parents on their perspectives on what they experience and/or have experienced. The survey results highlighted that despite advances in education, impacts on transition persisted because the children remained invisible on the student model that is desired and that more research on the subject needs to be performed because this challenge is far from over.

Keywords: education, Initial series, Elementary Transition Series